

DESCOBRINDO A TECNOLOGIA ASSISTIVA COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: PERSPECTIVA DA EDUCADORA, NO INTERIOR DA BAHIA

5

DISCOVERING ASSISTIVE TECHNOLOGY AS A LEARNING STRATEGY IN INCLUSIVE EDUCATION: A PERSPECTIVE OF THE EDUCATOR, IN THE INTERIOR OF THE STATE OF BAHIA

Maiara Rodrigues Gama dos Santos Vasconcelos¹

Maiaragv72@gmail.com

Paulo José Pereira²

paulo.pereira@univasf.edu.br

Monica Aparecida Tomé Pereira³

monica.tome@univasf.edu.br

Resumo

Este trabalho apresenta a experiência em uma escola de Educação Infantil no município de Sento-Sé Bahia, especificamente em uma turma de infantil I na pré-escola, com uma estudante com a deficiência síndrome de WolfHirschhorn, conhecida por síndrome 4p, que reduz as habilidades motoras, de comunicação verbal e de linguagem, a partir do contexto da Educação Infantil Inclusiva. E tem por objetivo descrever a experiência de uma professora no contexto de sala de aula sobre a Tecnologia Assistiva (TA). Destaca-se a execução e algumas estratégias utilizadas para o alcance de práticas inclusivas experienciadas por uma docente, no interior do sertão nordestino. Serão descritas ações realizadas, a partir da TA, como estratégia de aprendizagem na Educação Inclusiva, com resultados que refletem a aprendizagem do estudante. A experiência relatada teve a participação de 20 estudantes que participaram das aulas diariamente atendendo às propostas feitas pela docente. O trabalho foi implementado através de pesquisas bibliográficas e no *Youtube* e da execução de atividades pedagógicas inclusivas realizadas pela docente. Como resultados observou-se que ao conhecer a TA foi possível intervir nas estratégias de aprendizagem, que o uso da TA ampliou a participação da estudante com deficiência e que tal experiência pode contribuir para que outros docentes conheçam e apliquem novas estratégias. Todos

¹ Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Educacionais de Valença (BA) e em Língua Portuguesa e especialização em LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais ambas pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeia, especialização em Psicopedagogia Institucional com Habilitação em Educação especial pela Faculdade INESP, Especialização em Educação Digital pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB e é Mestranda em Extensão Rural Interdisciplinar, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF. É Professora primário atuando na Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Sento-Sé.

² Possui graduação em Estatística pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), mestrado em Estatística e Experimentação Agropecuária pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) e doutorado em Demografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É professor associado da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), atuando nos cursos de graduação e também nos mestrados profissionais em Extensão Rural (PPGExR) e Matemática em Rede nacional (PROFMAT).

³ Possui graduação em Estatística pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), mestrado em Estatística e Experimentação Agropecuária pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) e doutorado em Demografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É professora associada da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), atuando nos cursos de graduação e também no mestrado profissional em Extensão Rural (PPGExR).

os envolvidos se beneficiaram por meio da experiência relatada, a docente, os estudantes não-deficientes, os estudantes com deficiência, a escola e os demais professores.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Tecnologia Assistiva; Estratégia.

Abstract

This study presents the experience in an Early Childhood Education school in the municipality of Sento-Sé, state of Bahia, specifically in a preschool class, with a girl with the Wolf-Hirschhorn syndrome disability, known as 4p syndrome, which reduces motor, verbal communication, and language skills, from the context of Inclusive Early Childhood Education. We aimed to describe the experience of a teacher in the classroom context of Assistive Technology (AT). The execution and some strategies used to achieve inclusive practices experienced by a teacher in the interior of the northeastern rural dryland stand out. Actions carried out using AT as a learning strategy in Inclusive Education were described, with results that reflect student learning. Participants were 20 students who participated in classes daily in response to the proposals made by the teacher. The work was implemented through a literature review and on YouTube and the execution of inclusive pedagogical activities carried out by the teacher. By learning about AT, it was possible to intervene in learning strategies; the use of AT increased the participation of the student with the disability, and this experience can contribute to other teachers knowing and applying new strategies. Everyone involved benefited through the experience reported: the teacher, students with disabilities or not, the school, and other teachers.

Keywords: Inclusive education; Assistive Technology; Strategy.

Introdução

O contexto educacional formal promove aprendizagens diferenciadas em momentos de interação intencional, planejado e objetivo, abrangendo a educação em diferentes processos, que promovem a formação do indivíduo em seus diferentes espaços e instituições de ensino (BRASIL, 2017). A educação, de forma específica quando se refere a uma descoberta autônoma da aprendizagem, é compreendida por Rego da seguinte forma:

Na aprendizagem por descoberta autônoma ou pura compreendemos a educação no sentido amplo como um processo de desenvolvimento intelectual do ser humano e no sentido estrito como um processo de facilitação da autoconstrução de conhecimentos e atitudes nos alunos pelo professor (REGO, 2018, p. 40).

A descoberta autônoma como modo de aprendizagem, permite que o estudante tenha mais iniciativa na construção do conhecimento, dessa forma, é importante a promoção de mecanismos que possibilitem ou ampliam as possibilidades de descoberta autônoma no processo de desenvolvimento educacional, sendo relevante nesse momento o uso dos recursos da área das Tecnologias Assistivas - TA.

Os espaços de Educação Formal são importantes para a vida do estudante, permitindo-lhe perceber situações do seu cotidiano, com um olhar diferente, e ampliar os conhecimentos trazidos do seu ambiente familiar, o que possibilita uma melhor compreensão do seu contexto.

A convivência com diferentes realidades, oportunizada pela Educação Formal, possibilita ao estudante atendido pela Educação Inclusiva, uma troca de aprendizagens que aperfeiçoa o conhecimento, tal conhecimento é posto em prática também no contexto

familiar, uma experiência que antes lhe era negada. Cabe aqui lembrar que a educação é tão importante que “deve ser vista como um processo triplicado, que ao mesmo tempo permite a humanização, a socialização e a singularização da pessoa por meio da apropriação da herança cultural” (REGO, 2018, p. 05) Estes sentidos devem orientar as práticas educativas em todos os níveis e modalidades da Educação.

No Brasil, a Educação Infantil passou a fazer parte da educação básica com a nova LDB - Lei de Diretrizes e Base 9.394/96 (2017, p. 22), que define Educação Infantil no Art. 29 como: “primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. A Educação Infantil é a base da educação, é nesse nível de ensino que primeiro se trabalha de forma sistematizada e intencional o desenvolvimento intelectual, cognitivo, social, físico e psicológico do estudante fortalecendo conhecimento da identidade própria e a percepção do outro; potencializa a valorização da família, da escola e das demais instituições, e a autonomia do estudante (BRASIL, 2017a, 2017b). A BNCC - Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 36) considera a Educação Infantil no contexto da educação básica como “o início e o fundamento do processo educacional” o que representa um grande avanço para a educação brasileira.

No contexto da Educação Infantil as estratégias a serem usadas devem ser bem definidas, planejadas e executadas, considerando a realidade da unidade escolar, da turma e principalmente do estudante. Deve-se observar a realidade familiar e as demandas que se fazem necessárias para promover a aprendizagem, estando atento aos mecanismos que precisam ser utilizados para promover a equidade na aprendizagem (ROCHA; DELIBERATO; ARAÚJO, 2015).

No contexto da Educação Formal está presente a Educação Especial, uma modalidade de ensino presente em todos os níveis e modalidades de ensino, tanto da educação básica quanto na educação superior. A Educação Especial se dá no ambiente de Educação Formal nas salas regulares de ensino, onde os estudantes com deficiência são assessorados pelo professor titular da turma e pelo professor de Educação Especial, que atende especificamente aos estudantes com deficiência. Nesse contexto, também há o atendimento no AEE - Atendimento Educacional Especializado, onde o estudante desenvolve atividades no turno oposto. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2007), sobre a Educação Inclusiva que se dá na Educação Especial, afirma que,

[...] a educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à idéia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola (BRASIL, 2007, s/p).

A Educação Inclusiva é um grande desafio para todo o sistema educacional, de suma importância para a promoção da equidade e da qualidade da educação, as autoras

Breitenbach, Honnef e Costas (2016, p. 373) compreendem “que a educação inclusiva pressupõe promover uma equidade educacional, por meio da garantia de acesso e qualidade na educação de todas as pessoas”, pois não se refere apenas ao ato de incluir o estudante com deficiência em sala de aula, ou simplesmente fazer uma matrícula, sendo a pessoa com deficiência considerada pela LBI – Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015,

[...] aquela que tem um impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e objetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015, p. 01).

Trata-se da promoção ao acesso às aprendizagens de forma sistematizada, mediadas pelo convívio com outros estudantes e professores; ao direito de ir e vir no ambiente escolar; e à promoção de metodologias diferenciadas para atender às necessidades/limitações do estudante com os recursos necessários (CONTE; LIANE; BASEGIO, 2017). Mais do que colocar a criança com deficiência na escola, faz-se necessário elaborar um planejamento para que todos, com deficiência ou não, possam vivenciar experiências, do brincar, do expressar-se, do fazer e do questionar, objetivando o desenvolvimento dos estudantes com deficiência, junto àqueles estudantes que não tem algum tipo de deficiência (ROCHA; DELIBERATO; ARAÚJO, 2015).

A Educação Inclusiva é de suma importância e o ambiente escolar precisa ser um espaço com estrutura adequada, necessita que os profissionais sejam conhecedores do ensino na área da Educação Inclusiva, que dominem os conhecimentos sobre a educação, e sobre o ensino inclusivo, para que não aconteça exclusão do estudante com deficiência (GALVÃO FILHO, 2009). O mundo ideal apresentado por Galvão Filho, ainda não é uma realidade no contexto onde a experiência foi vivenciada, sendo necessário a busca por novos conhecimentos, tanto para o reconhecimento de direitos, quanto para propor a prática de novas estratégias didáticas.

Os estudantes com deficiência, vêm adentrando o contexto escolar, participando cada vez mais de atividades educativas, não se limitando apenas aos muros da escola, mas também participando das atividades em diferentes ambientes. Quando não acontece dessa forma, ou quando o estudante é apenas colocado ali naquele espaço de promoção de aprendizagem e não se oferecem ou vão buscar áreas de conhecimentos, mecanismos e recursos para atendê-lo, não há inclusão, assim como quando o sujeito nem sequer chega ao contexto escolar. Dessa forma, faz-se necessário, buscar investimentos que promovam a participação efetiva do estudante com deficiência no contexto escolar, oferecendo instrumentos adequados para a sua participação no processo de aprendizagem, e oferecendo formação continuada para os profissionais atenderem a estes estudantes.

Uma área de conhecimento muito importante para a Educação Inclusiva é a TA, a qual a LBI no Art. 3º inciso III define como,

[...] tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a

funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2015, p. 02).

A TA é uma área de conhecimento que traz suporte de forma grandiosa e muito ampla para a Educação Inclusiva, o conhecimento e uso da mesma no contexto escolar, pode potencializar as estratégias de aprendizagem direcionadas para o estudante com deficiência. Quando os recursos em TA são aplicados na educação como por exemplo: um balanço adequado para cadeirante; fichas de comunicação; um tapete emborrachado; um livro em braille ou um adaptador para lápis ou colher, etc., aumenta significativamente as possibilidades de interação e autonomia do estudante com deficiência e promove a sua aprendizagem (BERSCH, 2017; GALVÃO FILHO, 2009).

Através da sistematização de recursos, metodologias, estratégias e objetos, relacionados à TA, amplia-se as possibilidades de aprendizagens como um todo. Na Educação Especial na perspectiva inclusiva os resultados são ainda melhores, haja vista que algumas deficiências impõem barreiras e limitações que reduzem a independência, a autonomia e a participação plena dos estudantes com deficiência no processo de aprendizagem (ROCHA, 2010).

Sobre as professoras que atuam na Educação Especial, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva afirma que,

[...] para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado, aprofunda o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular, nas salas de recursos, nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de educação especial (BRASIL, 2008, p. 13).

Nesta escola em que se vivenciou a experiência relatada, as professoras que atuam na Educação Especial, auxiliam a professora regente da classe comum no planejamento, na elaboração e execução das atividades diferenciadas para os estudantes com deficiência.

A comunidade escolar, composta por servidores públicos, pescadores, agricultores, funcionários do comércio local e beneficiários de programas sociais, participa ativamente das atividades escolares, contribuindo para o alcance dos objetivos traçados.

A estudante da turma com deficiência, tem uma deficiência chamada síndrome de WolfHirschhorn, conhecida por síndrome 4p-, um distúrbio genético causado pela deleção de parte do braço curto do cromossomo 4, que apresenta características faciais peculiares, retardo do desenvolvimento e crescimento, atraso mental e convulsões. Por esse motivo a estudante necessita de uma acompanhante o tempo todo, pois não desenvolveu a oralidade, tem dificuldades para andar e sentar, para manusear objetos e não se alimenta sozinha, entre outras limitações.

A partir dessa realidade iniciou-se uma busca por informações acerca de como melhorar a aprendizagem da estudante, essa busca foi muito importante para o processo de inclusão, possibilitou a promoção de uma melhor assistência, na medida do possível, por parte da escola.

Tendo como problema dos professores da Educação Inclusiva o desconhecimento da TA como estratégia de aprendizagem no contexto escolar, o objetivo geral deste relato é: descrever a experiência de uma professora no contexto de sala de aula sobre a TA e os objetivos específicos são: descrever o contexto de sala de aula; apresentar estratégias utilizadas pela professora; e apresentar caminhos para melhor conhecimento e uso da TA.

Relato de experiência

O contexto do relato de experiência se deu no município de Sento-Sé Bahia - Brasil é situado no Semiárido baiano, no Norte do Estado da Bahia, no território do Sertão do São Francisco, na borda do Lago de Sobradinho no Semiárido brasileiro. O Município de Sento-Sé, segundo o IBGE censo 2022, tem uma população de 38.158 habitantes. A cidade possui uma extensão territorial de aproximadamente 11.980,172 km², com 10 (dez) escolas na zona urbana e 52 (cinquenta e duas) escolas na zona rural do município, totalizando 62 (sessenta e duas) escolas que atendem da Educação Infantil ao Ensino Fundamental anos iniciais e finais.

A experiência aqui relatada foi vivenciada em uma escola construída inicialmente para atender ao público de ensino fundamental anos finais, e que atualmente atende exclusivamente a pré-escola na Educação Infantil, a escola é composta por: 20 (vinte) salas de aula espaçosas e bem iluminadas, 1 (um) banheiro feminino adaptado para criança, 1 (um) banheiro masculino, 1 (um) banheiro social sem distinção de gênero, 1 (uma) secretaria com banheiro para os funcionários, 1 (uma) diretoria, 1 (uma) sala de coordenação, 1 (uma) biblioteca, 1 (uma) sala pequena sem uso específico, 1 (uma) cantina com despensa, 1 (um) almoxarifado e 1 (uma) sala para materiais de limpeza, 1 (um) pátio pequeno e 2 (dois) corredores. A escola fica centralizada no seu terreno com um jardim grande e murado em volta, a área construída tem calçadas altas em seu entorno, o que dificulta a acessibilidade e está localizada no centro da cidade em uma área predominada por espaços de lazer.

O quadro de funcionários é de 40 (quarenta pessoas), sendo 26 (vinte e seis) professoras (algumas atuam como professoras de Educação Especial) e 2 (duas) coordenadoras, a maioria com formação específica em pedagogia, a escola atende a aproximadamente 400 estudantes, nos turnos matutino e vespertino de segunda a sexta-feira e esporadicamente aos sábados. A escola atende a estudantes do centro da cidade e de todos os bairros da sede do município e é a única que atende exclusivamente a pré-escola na sede do município.

O relato de experiência *Descobrimo a Tecnologia Assistiva como estratégia de aprendizagem na Educação Inclusiva: perspectiva da educadora, no interior da Bahia*, apresenta as situações do contexto

escolar em uma escola de Educação Infantil no município de Sento-Sé Bahia, especificamente em uma turma de infantil I na pré-escola, turma com 20 alunos, com realidades parecidas e diferentes vivenciado por uma professora de Educação Infantil, que atendeu a uma estudante com deficiência em sua turma comum, e ao vivenciar as dificuldades encontradas para desenvolver as atividades diferenciadas buscou pesquisar métodos favoráveis à aprendizagem em artigos, Congresso de Educação, leis e vídeos no *Youtube* pela *internet*, e assim conheceu a TA.

O relato é apresentado de forma descritiva e apresenta como a experiência aconteceu em seu ambiente natural, apontando as ações do contexto da turma, os métodos, as estratégias e inquietações das professoras, entre outras situações. O desenvolvimento do relato a foi apresentado de forma qualitativa, relacionado em compreender e expor a experiência vivenciada na turma, com a descoberta da TA como estratégia de ensino, e faz um diálogo apresentando conceitos, definições e posicionamentos de autores, leis e documentos relevantes à experiência.

A “questão problema” surgiu, no ano de 2018, em uma escola de Educação Infantil quando a docente atendeu a uma estudante de 4 (quatro) anos de idade com deficiência, e a mesma não conhecia a TA. Durante as aulas na turma de infantil I, que são interdisciplinares e tem entre os objetivos desenvolver o conhecimento de si, a interação, a autonomia, etc., foram desenvolvidas brincadeiras de roda, de pular corda, corrida no saco, bambolê, dado, amarelinha, trilha, adoleta, etc., onde a estudante com deficiência participava sempre com a ajuda da professora de Educação Especial, que a acompanhava nas interações em todos os momentos de atividades, em sala de aula ou extraclasse.

A professora de Educação Especial atua por turma, cada turma que tem estudante com deficiência tem uma professora de Educação Especial, podendo atender até três estudantes por turma, atendendo às necessidades físicas e pedagógicas destes estudantes. Na situação específica deste relato de experiência, a professora de Educação Especial desta turma atendia apenas a uma estudante com deficiência.

Para a estudante com deficiência participar das atividades, na maioria das vezes era preciso fazer algum tipo de adaptação, por exemplo na brincadeira de “adoleta”, era preciso utilizar almofadas para apoiar atrás e dos lados para protegê-la no caso de queda, uma vez que a estudante não tinha o pleno domínio do corpo. Esta brincadeira era utilizada para alcançar objetivos de aprendizagens relacionados aos campos de experiência “o eu, o outro e o nós” e “corpo, gestos e movimentos”, como: “ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação; e demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades” (BRASIL, 2017, p. 46-47). Assim como nas brincadeiras de encaixe com caixas coloridas, prioriza-se as caixas mais coloridas para a estudante com deficiência, pois devido a sua baixa visão, a mesma tinha mais interesse por objetos coloridos. Essa Brincadeira explora principalmente os objetivos de aprendizagens do campo de experiência

“espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, para “classificar objetos e figuras de acordo com suas semelhanças e diferenças” (BRASIL, 2017, p. 51).

Percebia-se que a estudante não conseguia desenvolver algumas atividades principalmente por falta de material adaptado. Não conseguia segurar o lápis ou a tesoura, a professora de Educação Especial auxiliava a estudante, fazendo o movimento junto com ela, ajudava a desenvolver as atividades segurando na sua mão, pois na sala não tinha um apoiador de lápis para facilitar esta ação.

Nas brincadeiras de cantigas de roda a estudante conseguiu participar com mais facilidade, a professora de Educação Especial sempre estava ao seu lado. Nessa brincadeira é possível explorar todos os objetivos de aprendizagens da Educação Infantil presentes na BNCC, “o eu, o outro e o nós - corpo, gestos e movimentos - traços, sons, cores e formas - escuta, fala, pensamento e imaginação - e espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” (BRASIL, 2017, p. 25), dependendo de qual seja a cantiga ou brincadeira. Alguns exemplos de objetivos de aprendizagens que podem ser alcançados com as brincadeiras de roda desenvolvidas com a turma, de acordo com a BNCC,

[...] ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação... criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música... reconhecer as qualidades do som (intensidade, duração, altura e timbre), utilizando-as em suas produções sonoras e ao ouvir músicas e sons... inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos... relacionar números às suas respectivas quantidades e identificar o antes, o depois e o entre em uma sequência (BRASIL, 2017, p. 45-52).

Em contato com a família, foi informado pela mãe que a estudante fazia terapia com a profissional neuropediatra e também participava de consultas com um especialista em fonoaudiologia. A família relatava que as sessões eram boas e proveitosas. Só depois de iniciar as pesquisas, a professora regente compreendeu que o atendimento por parte desses profissionais especializados faz parte dos recursos da TA, pois ajuda a superar barreiras impostas à aprendizagem.

A estudante tinha quatro anos de idade e fazia o uso de fraldas descartáveis, um recurso que não tinha na escola era o suporte trocador, para auxiliar na troca de fralda da mesma.

A estudante com deficiência não falava às aulas, era assídua e participava (com ajuda), a família sempre estava em contato com a escola. Na comunicação, a estudante balbuciava e às vezes era compreendido algumas coisas, não tudo, os colegas gostavam muito de brincar com ela, acariciavam, cuidavam dela e não se percebia preconceito neles.

A avaliação da aprendizagem da estudante, era feita principalmente a partir de observações da interação dela com todos na escola, a relação era bastante positiva. O registro era feito por meio de relatório descritivo e registros de fotos dos momentos de interação e desenvolvimento das atividades.

O material didático diferenciado como dados, caixas cobertas por papel colorido, jogo de argola, trilha das formas geométricas, tampinhas com letras, números e símbolos, etc., eram elaborados pela professora regente após pesquisas na *internet*, mas o desconhecimento prévio da TA impossibilitou a confecção de materiais mais específicos para as necessidades da estudante, que poderiam impulsionar mais a aprendizagem da mesma.

A questão por exemplo da mobília, seria bom para a estudante uma cadeira acolchoada com apoios laterais, este é um recurso em TA que não tinha na sala de aula. Só depois da pesquisa sobre o assunto é que a professora regente pode ter essa compreensão. A estudante apresentou bastante avanços na questão motora, já fazia coisas que não conseguia no início do ano letivo: ela caminhava pouco e já caminhava com mais facilidade, conseguia bater palmas, já conseguia segurar um copo com água, isso foi um grande avanço, que pode ser atribuído também às estratégias adotadas pela escola, foram desenvolvidas atividades de bater palmas e dar pulinhos sem recursos muito elaborados como bambolês, cordas, bolas, etc.

Durante os dois anos de atividade com a estudante com deficiência aconteceram algumas descobertas, surgiram muitas dúvidas e surpresa, cada dia era uma descoberta daquilo que se precisava fazer melhor. Uma das maiores descobertas foi a necessidade de pesquisar sobre a TA para saber como essa área de conhecimento poderia favorecer a aprendizagem daquela estudante. A TA é muito ampla, faz parte do cotidiano da escola, mas percebeu-se que não havia uma compreensão sobre o que era a TA, e pouco conhecimento sobre esse termo Tecnologia Assistiva.

A família é responsável por conduzir a criança aos atendimentos com outros profissionais especializados, porém não havia a compreensão de que esses atendimentos se caracterizavam por oferta de TA. Os profissionais especializados das diversas áreas, assim como o professor de Educação Especial, caracterizam-se por profissionais da área da TA, uma vez que a sua função é contribuir para sanar ou diminuir as barreiras que impedem ou limitam o estudante de participar com autonomia e independência dos processos de aprendizagem. A professora regente desconhecia a TA mesmo fazendo o uso desta em sala de aula às vezes, aprendeu que é necessário identificar quais os recursos cada estudante com deficiência precisa para potencializar a sua interação, autonomia e consequentemente aprendizagem no contexto escolar, de posse dessa informação, é necessário verificar quais recursos em TA podem ser confeccionados na escola, e informar à gestão quais precisam ser adquiridos. A professora regente aprendeu que é possível adaptar alguns recursos já disponíveis na escola para atender à necessidade de alguns estudantes, e entre outras coisas aprendeu que a TA é uma área de conhecimento multidisciplinar que vai muito além de recursos, são estratégias, métodos, serviços, produtos, equipamentos e dispositivos que promovem autonomia e inclusão social para a pessoa com deficiência, sendo possível fazer tais descobertas a partir das pesquisas.

Com as novas descobertas citadas no parágrafo anterior, no que se refere aos recursos e às metodologias, a professora regente passou a apresentar com mais frequência: bambolês

coloridos, para explorar a coordenação motora, a percepção visual e a fala. Por exemplo: com a adaptação da brincadeira “coelhinho sai da toca” as “tocas” eram representadas por bambolês de diferentes cores e cada estudante deveria mudar sempre para uma “toca” de cor diferente, além de se locomover para as “tocas” os estudantes eram interrogados sobre qual a cor da sua “toca”, o que aperfeiçoava os movimentos, o conhecimento sobre as cores, a percepção visual e a oralidade.

Também passou a utilizar um número maior de caixas coloridas de tamanhos diferentes, que eram utilizadas para contar, empilhar, classificar por grupos de cores, tamanhos e formatos e para brincadeiras de criação livre, onde as caixas simulavam objetos, pessoas, transportes, etc., estas brincadeiras estimulavam a criatividade, percepção visual, a coordenação motora, identificar as quantidades, as cores e os tamanhos. Também passou a levar almofadas para escola, para dar melhor suporte à estudante, que começou a se desenvolver melhor, a expressar-se melhor e apresentou avanços significativos nas atividades motoras como: brincar, pular, correr, bater palmas e apontar. A fala ainda não era muito compreendida pelas professoras regente e de Educação Especial e pelos colegas, mas foi uma grata surpresa para estas professoras, ver o desenvolvimento da estudante, muito na parte motora. Isso foi transformador porque a professora regente pôde aprender muito mais sobre a Educação Inclusiva e sobre a TA que é tão ampla.

A situação vivenciada estimulou a busca por conhecimento para que houvesse uma formação de opinião sobre a TA, o que promoveu o conhecer, a reflexão e a transformação do conhecimento. A TA faz parte do cotidiano escolar, em pouca quantidade, e muitas vezes, de uma forma não intencional, muitos profissionais da educação não têm a compreensão do que seja a TA, mesmo quando a utiliza, por exemplo: os profissionais de apoio, os materiais adaptados e as atividades diferenciadas. A maioria das famílias também não têm essa compreensão de que, por exemplo, quando levam seu filho para o profissional de apoio como o neuropediatra ou fonoaudiólogo esse é um recurso da área da TA, pois ajudará a estudante a romper barreiras na aprendizagem.

A situação despertou o interesse na professora regente da turma, em pesquisar e produzir mais materiais, tanto teóricos quanto práticos relacionados à área da TA. O que mudou muito foi o conhecimento por parte da professora regente, que pode compreender melhor o que é TA, o seu conceito e finalidade. Diante de tudo isso a professora regente pode contribuir um pouco com a aprendizagem da estudante, que realmente foi muito mais nas habilidades motoras.

Considerações finais

Diante da experiência *Descobrendo a Tecnologia Assistiva como estratégia de aprendizagem na educação inclusiva: perspectiva da educadora, no interior da Bahia*, foi possível compreender a importância de conhecer a TA. Amplia o entendimento a respeito dessa área de conhecimento,

foi importante, possibilitou identificar melhor os recursos da TA para desenvolver estratégias, favoráveis à aprendizagem. Existem muitas estratégias diferenciadas de aprendizagem, algumas delas são: confecção de materiais didáticos diferenciados, desenvolvimento de atividades diferenciadas, adaptação de materiais, adaptação de brinquedos, adaptação de mobílias e adaptação de espaços, serviços e atendimentos especializados, entre tantos outros. Com o uso da TA, dá pra melhorar as possibilidades de aprendizado do estudante com deficiência, ampliar os processos de inclusão e melhorar a construção da autonomia.

Após a pesquisa e adoção de novas estratégias percebeu-se uma maior participação e melhor desenvolvimento da estudante com deficiência, tanto na comunicação quanto nas diversas atividades propostas. O aumento da interação ampliou as possibilidades de aprendizagens e o vínculo com as professoras regente e de Educação Especial e os colegas, o que refletiu em uma crescente significativa nas habilidades da estudante, principalmente no desenvolvimento motor e na comunicação.

Dessa forma, quando a gestão escolar e/ou um professor recebem um estudante com deficiência, devem buscar conhecer melhor quais as dificuldades este estudante tem, para pesquisar quais as melhores estratégias devem ser desenvolvidas, objetivando potencializar a aprendizagem, a interação e autonomia do mesmo o quanto antes. É importante também promover formações, para disseminar o conhecimento a respeito da TA e oficinas para confeccionar materiais da área, aos profissionais da educação, para que possa otimizar as ações direcionadas para o estudante com deficiência, uma vez que a professora regente mencionada na experiência deste relato, demorou para agir de forma mais objetiva em suas estratégias por desconhecer tal área de conhecimento.

É importante catalogar as necessidades do estudante com deficiência quanto aos recursos que podem ser utilizados para potencializar as interações, as expressões, a autonomia e a independência destes para que seja possível a escola adquirir os recursos mais complexos como cadeiras, tablets, lousa digital, entre tantos, que irão contemplar as necessidades dos estudantes. Portanto, este relato de experiência apresenta situações vivenciadas no contexto escolar que podem nortear atividades relacionadas à TA a serem desenvolvidas com estudantes com deficiência.

Referências

BERSCH, R. **Introdução à Tecnologia Assistiva**. Disponível em https://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf, acesso 24 de dezembro de 2021.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>, acesso em 28 de junho de 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm, acesso em 15 de junho de 2022.

BRASIL. LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em https://BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf (mec.gov.br), acesso em 24 de dezembro de 2022.

BREITENBA, F. V.; HONNEF, C.; COSTA, F. A. T. Educação inclusiva: as implicações das traduções e das interpretações da Declaração de Salamanca no Brasil. **Ensaio: aval. pol. públ. educ.** [online]. vol.24, n.91, pp.359-379, 2016. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-40362016000200005>, acesso em 28 de junho de 2022.

CONTE, E.; LIANE, M. H. O.; BASEGIO, A. C. Tecnologia assistiva, direitos humanos e educação inclusiva: uma nova sensibilidade. **Educação em Revista**, n.33, 2017.

FREITAS, A. H. Reflexões sobre a pesquisa acadêmica: Revisão bibliográfica, vivências e conhecimento. **Palíndromo**, vol. 8, n.15, 2016.

GALVÃO FILHO, T. A. **Tecnologia assistiva para uma escola inclusiva [recurso eletrônico]: apropriação, demanda e perspectivas** / Teófilo Alves Galvão Filho. – 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/10563/1/Tese%20Teofilo%20Galvao.pdf>, acesso em 03 de julho de 2023.

REGO, A. M. X. Educação: Conceitos, Finalidades e Modalidades. **Scientia Cum Industria** 6.1 (2018): 38-47. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323107399_EDUCACAO_conceitos_finalidades_e_modalidades/link/5a7f8bb50f7e9be137c734d2/download, acesso em 02 de maio de 2022.

ROCHA, A. N. D. C. **Processo de prescrição e confecção de recursos de tecnologia assistiva na educação infantil** / Aila Narene Dahwache Criado Rocha. – Marília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/91211>, acesso 03 de julho de 2023.

ROCHA, A. N. D. C.; DELIBERATO, D.; ARAÚJO, R. C. T. (2015). Procedimentos para a prescrição dos recursos de tecnologia assistiva para alunos da educação infantil com paralisia cerebral. **Revista Educação Especial**, 28(53), 691–708. Disponível em <https://doi.org/10.5902/1984686X14398>, acesso em 02 de maio de 2022.